

PROTESTO. Manifestantes impedem funcionamento do campus

Servidores em greve ocupam Reitoria da Ufal

Paralisação iniciada em 28 de maio segue sem previsão de acabar

NIVIANE RODRIGUES
REPÓRTER

Às 4 da manhã, a trincheira já estava montada. Arames farpados formavam uma espécie de cordão e impediam o acesso à sala onde ficam guardadas todas as chaves que abrem e fecham as unidades acadêmicas. Sem elas, não tinha como entrar para trabalhar.

A ação foi a forma que os funcionários técnicos-administrativos da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) encontraram para protestar contra a falta de negociação com o governo federal em relação às reivindicações da categoria, em greve desde o dia 28 de maio.

Sem as chaves para abrir as portas, nem mesmo a Reitoria funcionou. Todos os serviços da Universidade, que ainda vinham sendo mantidos, pararam. Os servidores em greve se concentraram na entrada da reitoria, com panelas, comida e tudo o que precisavam para passar o dia todo no lugar.

Este foi mais um entre tantos protestos que vêm fazendo desde que decidiram entrar em greve para tentar negociar com o governo federal uma pauta de reivindicações salariais e de preservação dos postos de trabalho, que consideram ameaçados em função da proposta de privatização de alguns serviços das universidades brasileiras.

Com a greve dos docentes, a Ufal segue sem aulas e os alunos com “a mão na



Em protesto, professores e técnicos da Ufal montaram 'trincheira', ontem, na porta da Reitoria

;

Pauta

Além das reivindicações salariais, categoria quer a preservação dos postos de trabalho, que consideram ameaçados em função da privatização de alguns serviços das universidades

cabeça”, temerosos de perderem o ano letivo.

“Queremos que o governo nos apresente uma proposta diferente do que vem oferecendo”, afirma Jeamerson Santos, coordenador-geral do Sindicato dos Trabalhadores da Ufal (Sintufal). De acordo com ele, a greve atinge 70% a 80% da categoria, sendo mantidos apenas os serviços essenciais e os trabalhos de quem recebe função gratificada.

Os trabalhadores administrativos, segundo Jeamerson Santos, querem 27,3% de reposição salarial; o governo federal oferece 21%, divididos em quatro anos. “Muito abaixo do

valor da inflação”, ele diz.

Os servidores também cobram garantia de database. “Não temos. Por isso, todo ano é preciso fazer mobilização. Também queremos paridade entre os poderes, ou seja, que servidores do Executivo de função igual aos funcionários do Legislativo e Judiciário”, afirma Jeamerson Santos, ao destacar que “desde 2011 não vem sendo repassado aos trabalhadores ganho salarial nenhum”.

PRIVATIZAÇÕES

Lutam também contra o que chamam de ameaça provocada pelas privatizações. Segundo o sindicalista, começou pelo Hospital Universitário (HU), com a contratação de uma empresa privada para administrar os serviços das unidades em todo o País. “Foi feito um processo de seleção para as contratações. Não houve concurso público. Os aprovados, não têm estabilidade, direitos trabalhistas mais amplos”, ressalta o sindicalista.

Ele diz que os servido-

res técnicos também lutam por um espaço que foi cedido à classe por meio de emenda parlamentar, que existe no campus universitário da Ufal para a instalação de um Centro de Interesse Comunitário para as entidades representativas. O prédio é novo; está instalado por trás das agências bancárias aqui do campus, mas em vez de servir aos trabalhadores, está servindo apenas para a universidade”, ressalta.

Na próxima quinta-feira, 3, está agendada reunião com os ministérios do Planejamento e da Educação e a Federação de Sindicatos de Trabalhadores das Universidades Brasileiras (Fasubra), em Brasília. O horário ainda será confirmado.

A assessoria de Comunicação da Ufal informou que o comando da Reitoria não iria se pronunciar sobre o assunto por ser a reivindicação direcionada ao governo federal, ao qual a universidade está ligada e por ser este um movimento nacional. ☺

JOSÉ FEITOSA